

Para uma rivalidade da delicadeza

Um escritor romântico, pintor nas horas vagas, [...] proclamava: para mim, o mundo exterior existe. O gravador se compromete mais: para ele, a matéria existe. E a matéria existe imediatamente sob sua mão obrante. É pedra, ardósia, madeira, cobre, zinco... O próprio papel, com seu grão e sua fibra, provoca a mão sonhadora para uma rivalidade da delicadeza. A matéria é, assim, o primeiro adversário do poeta da mão. Possui todas as multiplicidades do mundo hostil, do mundo a dominar. O verdadeiro gravador começa sua obra num devaneio da vontade. É um trabalhador. Um artesão. Possui toda a glória do operário.

Gaston Bachelard—"Matéria e mão" in: O direito de sonhar

Em Cosmogonia de Evany Cardoso, a aurora e a noite dos tempos são convocadas sob a "mão sonhadora para uma rivalidade da delicadeza". Testemunham antigas promessas e desencantos. Suas serigrafias se instalam no espaço expositivo ensaiando a coreografia do universo, ou, antes, nossas presunçosas tentativas de dar-lhe desenhos, medida e contorno, de decifrar elos e extrair analogias e concordâncias entre as coisas e os seres. Uma "não-paisagem", diz a artista, que constata a impossibilidade de enquadrar o universo em uma totalidade fechada e decifrável.

Por isso os dólmenes, menires e as constelações do zodíaco. São signos primevos, ativadores de ansiados vínculos: entre o tempo prodigioso do princípio, o anúncio de nosso destino e finitude e a passagem dos dias inexpressivos; entre a gravidade desta matéria que nos ata ao solo e o desejo de alcançar as estrelas; entre este ser precário e errante e a agitação febril do cosmos.

Por isso também um grande cubo negro e opaco — em que estão impressas as galáxias e o zodíaco — em meio a uma das salas: é como se, a um só tempo, o cosmos inteiro quisesse ali irromper e seu excesso fosse contido por aquela geometria. Pois se o cubo se refere aos vetores de espaço-tempo da perspectiva euclidiana, ele é também uma caixa preta cuja altura se aproxima à de um homem, tem sua quase medida. A evasão pelas estrelas sonhadoras é então interrompida pelo hermetismo daquele dado. O cubo impõe sua presença física constrangendo e disputando com o espectador o local onde se instala. E se mundo e homem se reflexionam por laços de empatia, a escala um tanto humana do dado rebate-o sem piedade: o homem é algo inescrutável como uma caixa fechada.

A rigidez dos ângulos exatos do cubo é contrastada pela amorfia de nuvens impressas sobre o acrílico. Signo indicial que mostra mais do que demonstra, como disse Damisch, a nuvem escapava por sua fluidez da racionalização da perspectiva, cumprindo um papel ambíguo no Renascimento: a um só tempo mascarava o infinito inimaginável e o designava.

Rivalizam e se enlaçam delicadamente: o fugidio e o inelutável, as bordas e o ilimitado, transparência e opacidade, a cosmogonia do mundo e aquela da arte. Por isso, o uso da própria matéria para imprimir a imagem, como a pedra (carborundo) usada como "tinta" na série Pedras.

Como descerrar mundos pela cosmogonia obstinada, incessante e falha da arte? Como atar nossas ínfimas misérias e desmesurados sonhos à coreografia dos astros que, indiferentes, seguem desatentos seus cursos e rotações? Parece interrogar-se a artista. Sob sua mão "sonhadora e obrante", mundos ainda não existem ou não existem mais. Existe a "matéria imediatamente", a matriz da gravura, ela própria origem das repetições serigráficas, o eterno retorno de suas efigies. Como se apenas a repetição existisse, sem qualquer princípio, sem qualquer fundamento originário.

Cosmogonia não evoca a gênese de mundos e seres, mas sua reiterada quase aparição, sua reiterada quase consumação. É nesse quase — em que cabe e se esquia um infinito — que se alojam suas serigrafias, que se aloja a arte.

Marisa Flório - Curadora

Governo do Rio de Janeiro

Governador
Sérgio Cabral
Vice-Governador
Luiz Fernando Pezão

Secretaria de Estado de Cultura

Secretária de Estado de Cultura
Adriana Scorzelli Rattes
Subsecretária de Relações Institucionais
Olga Campista
Subsecretário de Planejamento e Gestão
Márcia Cantile
Superintendente de Artes
Eva Doris Rosental

Escola de Artes Visuais do Parque Lage

Diretora
Claudia Saldanha
Coordenador Administrativo
Sérgio Basso

Assistente
Carriem da Costa Souza
Coordenadora de Ensino
Tárcis Queiroz

Assistentes
Lucas Leisinger
Vanessa Rocha

Coordenadora de Projetos
Clarisse Riviera

Assistente
Renan Lima
Estragiária
Sabrine Veloso

Assessor
Vitor Zeneri

Assessora editorial
Joanna Fatorelli

Assessora de Imprensa
Barbara Chalagnier

Comissão de Projetos
Daniel Sausse
George Kornis
Guilherme Botano
Paulo Sérgio Duarte

Associação de Amigos da Escola de Artes Visuais AEAUV

Presidente
Paulo Albert Wayland Vieira

1º Vice-Presidente
Márcio Botnar
2º Vice-Presidente
Guilherme Gonçalves

Conselheiros
Ernesto Nieto
Fábio Schwarzwald

Captação e Gestão de Recursos
Sandra Calaffi

Assistentes administrativos
Hércules Souza
Naldo Turi

Exposição

Produção
R&L Produções Associadas

Direção de Produção
Rodrigo Andrade

Gestão da Produção
Lucas Lins

Produção Executiva
Richarda Carino

Curadoria
Marisa Flório

Serigrafia
Alexandra Ferreira

Assistente de Serigrafia
Amilton Ferreira

Revisão de Textos
Márcio Pinheiro

Design Gráfico
Antônio Bastos e Renata Gobert

Objeto A

Sinalização
Gouvêe Artes

Iluminação
Rogério Emerson

Impressão
UltraSat

Execução e Montagem
Márcio Costa / Cláudio

Programa Educativo
Coordenação

Cristina de Pádua
Tania Queiroz

Supervisão
Vanessa Rocha

Mediação
Atuação do Curso de Capacitação de Mediadores

Manutenção
Gerson de Araújo Freitas
Homero Gurnea da Muraes
Janir Rosa Pires

Contabilidade
Márcos Xavier

Agradecimentos
Lara Faccini
Rosa Martins

Homenagem
Dionísio Del Santo (in memoriam)
Luiz Carlos Galvão Miranda (in memoriam)

Exposição realizada com recursos do Governo do Rio de Janeiro, da Secretaria de Estado de Cultura e recursos captados através de plataformas de financiamento coletivo Catarse

 Permissão Fotográfica

 Classificação Livre

